



FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A ÁREA DO LAZER: UMA ABORDAGEM INICIAL

*Fernando Augusto Starepravo**

*Leoncio José de Almeida Reis***

*Carlos Eduardo Pijak****

RESUMO: O presente trabalho pretende abordar, de forma inicial, algumas questões pertinentes à formação de professores para a área do lazer. Traremos, em um primeiro, alguns dos problemas levantados por pesquisadores da área do lazer no que diz respeito à formação dos profissionais para atuação nesta área. A partir destes problemas, apontaremos uma alternativa de formação a partir da proposta da Animação Cultural, de Melo (2006).

Palavras-Chave: lazer, formação, Animação Cultural.

INTRODUÇÃO

Ao abordar o tema da formação de profissionais para o lazer, optamos por trazer nesse ensaio algumas temáticas que tem sido verificadas com frequência na produção científica do campo de estudos do lazer. Com o auxílio de especialistas no assunto, conduziremos a discussão abordando os principais problemas que tem permeado o campo da formação de professores para o lazer no Brasil. Sistemáticamente falando, o objetivo dessa discussão é abordar as seguintes questões relacionadas à formação:

- a) o lazer como objeto de estudo multidisciplinar, que exige uma formação ampliada, com conhecimentos oriundos das mais diversas áreas de estudo;
- b) a confusão teórica existente entre lazer e recreação e o conseqüente problema gerado pela separação entre teoria (lazer) e prática (recreação);

* CEPELS/DEF/UFPR – Curitiba – PR. Mestre em Educação Física. Aluno do programa de pós-graduação (doutorado) em Educação Física da Universidade Federal do Paraná. fernando.starepravo@hotmail.com

** CEPELS/DEF/UFPR – Curitiba – PR. Mestre em Educação Física. Aluno do programa de pós-graduação (doutorado) em Educação Física da Universidade Federal do Paraná. leojar_edf@yahoo.com.br

*** CEPELS/DEF/UFPR – Curitiba – PR. Licenciado em Educação Física. Aluno do programa de pós-graduação (mestrado) em Educação Física da Universidade Federal do Paraná. Professor de Educação Física da Prefeitura Municipal de Curitiba. carlosjr.pijak@yahoo.com.br

*Fernando Augusto Starepravo**

*Leoncio José de Almeida Reis***

Carlos Eduardo Pijak

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A ÁREA DO LAZER: UMA ABORDAGEM INICIAL

- c) o crescimento do mercado de trabalho do lazer e os problemas que emergem com a demanda por formação acelerada;
- d) a formação visando uma intervenção com objetivos pedagógicos e sociais em oposição à intervenção mercantilizada, funcionalista e consumista;
- e) a necessidade de formação ampliada e continuada;
- f) a valorização excessiva do esporte e das atividades físicas no âmbito do lazer e a preocupação com uma formação ampla, que contemple a diversidade de conteúdos culturais.

Não se trata, contudo, de explorar exaustivamente cada uma das questões apresentadas, as quais, aliás, já foram discutidas em profundidade pelos pesquisadores dos estudos do lazer que serão apresentados no decorrer do texto, mas sim de delinear de forma geral alguns dos temas que estão sendo debatidos a respeito da formação para a área do lazer.

Tendo discutido sucintamente cada uma dessas questões, apresentaremos, no momento seguinte, uma proposta de formação que encaminha algumas soluções e alternativas ao que foi diagnosticado no primeiro momento. Trata-se da proposta de intervenção elaborada por Melo (2006), a *Animação Cultural*.

1. OS PROBLEMAS NA FORMAÇÃO

Estudos recentes evidenciam um claro aumento da preocupação do lazer como objeto de estudo, o que se relaciona, muito provavelmente, com a atenção que esse setor vem despertando no cenário mundial, identificado pelo crescimento da indústria do turismo, dos esportes de aventura na natureza, e da própria valorização do lazer como elemento de promoção da qualidade de vida.

Tais estudos também indicam que a Educação Física ainda é a principal área de estudo que discute a temática (SOUZA, ISAYAMA, 2001; REIS, 2009), abrigando grande parte dos pesquisadores e grupos de estudos interessados no assunto. Isso não significa que o lazer seja um componente curricular exclusivo da Educação Física. Muito pelo contrário, o tema também está presente em diversos cursos de graduação, dentre eles, os de turismo, hotelaria, pedagogia, psicologia, administração, arquitetura, sociologia, gestão de lazer, etc., e também em cursos técnicos, profissionalizantes e em capacitações profissionais.

Isto se explica pelo fato do lazer ser um fenômeno social extremamente complexo e que pode ser abordado a partir de diversas matrizes científicas. A compreensão de que o lazer como objeto de estudo não só pode, mas deve ser abordado por diversas áreas da ciência tem se tornado, aliás, uma cobrança freqüente por parte dos teóricos envolvidos com o debate acerca do lazer. O que leva alguns pesquisadores, como Isayama (2003), enfatizar que esta questão deve ser levada em consideração quando da elaboração de um currículo de formação de professores. Portanto, já que o lazer tem sido observado como um campo

*Fernando Augusto Starepravo**

*Leoncio José de Almeida Reis***

Carlos Eduardo Pijak

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A ÁREA DO LAZER: UMA ABORDAGEM INICIAL

multidisciplinar de estudo, que coleciona conhecimentos de diversas áreas, isso também deve ser observado nos currículos de formação, seja em cursos de graduação ou de capacitação técnica e profissional.

Trata-se, portanto, de um conhecimento transdisciplinar, que segundo Muhad (2009), ainda é uma questão a ser pensada e superada em diversas atividades humanas. O enfrentamento desse obstáculo epistemológico, que é ao mesmo tempo acadêmico e político, provoca a abertura das pesquisas e dos pesquisadores na direção de trocas e contribuições recíprocas. É a busca da transdisciplinaridade, esse tecido unificador e necessário, quando se trata da produção e difusão do conhecimento (MUHAD, 2009).

Em resumo, a abordagem transdisciplinar é resultante de uma articulação complexa e altamente produtiva entre múltiplos saberes. Transdisciplinaridade possui uma qualidade teórica diferente e superior às tradicionais inter e multidisciplinaridade. Metodologicamente funda novas instancias, novas categorias e novos conceitos (MUHAD, 2009).

Outro problema que efetivamente prejudica a formação profissional para o lazer é, na visão de Gomes (2003), a confusão conceitual que permeia os termos lazer e recreação. Originada nos Estados Unidos, a recreação, ou melhor, o movimento recreacionista, chegou ao Brasil como uma área de conhecimento que reunia um conjunto de saberes relacionado com a ocupação racional do tempo de lazer. Na época, início do século XX, a recreação era percebida como uma ferramenta pedagógica para a correta, sadia e adequada ocupação das horas de lazer. Já o lazer referia-se ao tempo livre que cada vez mais se ampliava em consequência da redução da jornada de trabalho e das conquistas trabalhistas. (GOMES, 2003).

A partir desse momento os significados de lazer e recreação iriam se fundir e gerar uma confusão conceitual que permanece até hoje. Se naquele momento cabia à recreação fornecer a fundamentação teórico-prática para o lazer, num momento seguinte, a situação iria se inverter: caberia aos estudos do lazer fornecer os subsídios teóricos para fundamentar a prática da recreação – e é isso que observamos hoje, o lazer embasando a recreação. Um verdadeiro paradoxo, coloca a autora.

De acordo com a pesquisadora, prevalece hoje nas disciplinas de formação do lazer o entendimento da recreação como um conjunto de saberes técnico-metodológicos a respeito de jogos e brincadeiras. E isso é percebido facilmente através das principais referências bibliográficas utilizadas para abordar a recreação: se resumem a manuais contendo repertórios de atividades. Há uma divisão, segundo a autora, que separa, de um lado, os conhecimentos teóricos – através dos quais o lazer é estudado e discutido até mesmo com profundidade – e, de outro, os conhecimentos práticos – onde prevalece conhecimentos acerca da operacionalização/execução dos tradicionais jogos e brincadeiras.

*Fernando Augusto Starepravo**

*Leoncio José de Almeida Reis***

Carlos Eduardo Pijak

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A ÁREA DO LAZER: UMA ABORDAGEM INICIAL

Com isso, criou-se uma dificuldade que até hoje não se consegue romper facilmente, a de realizar trabalhos efetivamente teórico-práticos no lazer, nos quais seja possível construir vivências pedagógicas fundamentadas, coerentes e refletidas. Não que os jogos e as brincadeiras não devam ser explorados, ressalva a autora, afinal, são frutos das manifestações folclóricas e das tradições que constituem nosso acervo cultural e assim devem ser considerados. Entretanto, não se deve entendê-los como meros recursos metodológicos para atividades, desligadas de qualquer propósito educativo e social, e que vise apenas a pura e simples diversão.

Isayama (2003) levanta outra preocupação com relação a qualidade da formação de professores voltados para a atuação na esfera do lazer. É visível, segundo o autor, o crescimento do lazer, verificado tanto em instituições privadas (acampamentos, clubes, colônias de férias, hotéis, empresas de eventos e academias de ginástica, dentre outras) quanto públicas (prefeituras, centros comunitários, parques, universidades, secretarias, museus, etc.). Com isso, surge mais um problema com relação à formação, pois o aumento repentino da necessidade de profissionais e professores para atuarem no âmbito do lazer e do desporto não tem sido acompanhado por uma oferta qualitativa para a formação.

Assim, com a demanda gerada em vários setores pela expansão da indústria do lazer, a qual acaba exigindo a presença imediata de profissionais no mercado de trabalho, a formação pode ser incompleta ou insatisfatória. Ou pior, como bem alerta o autor, corre-se o risco da formação estar direcionada simplesmente para uma intervenção mercantilizada, ou seja, uma intervenção que estimula apenas o consumo supérfluo de bens culturais e de lazer, e que não agrega qualquer possibilidade de crescimento e desenvolvimento pessoal.

Segundo Isayama (2003), este tipo de postura (intervenção mercantilizada), além de contribuir para a manutenção do *status quo* e das práticas consumistas de ocupação do tempo de lazer, desqualifica a própria atuação do profissional, já que exige muito pouco conhecimento deste profissional. De fato, neste tipo de intervenção, o conhecimento se resume a uma lista de atividades, e a logística necessária para a ordenação/organização dessas atividades, ficando de lado qualquer conhecimento sistematizado a partir de fundamentos pedagógicos, políticos, culturais e sociais.

Isayama (2003) ainda afirma que, infelizmente, prevalece o entendimento de que o profissional que atua com o lazer deve apenas levar as pessoas a esquecer seus problemas cotidianos, de modo a facilitar o retorno ao trabalho no período seguinte. Visão esta criticada também por Marcellino (1987), que classifica esse tipo de posicionamento como uma visão “funcionalista” do lazer, ou seja, uma visão que interpreta o lazer como remédio para atenuar e mascarar os problemas sociais (neste caso, a solução para a extenuante e enfadonha rotina vivenciada no tempo de trabalho).

*Fernando Augusto Starepravo**

*Leoncio José de Almeida Reis***

Carlos Eduardo Pijak

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A ÁREA DO LAZER: UMA ABORDAGEM INICIAL

Em oposição a este tipo de postura do profissional do lazer, Isayama (2003) defende que o animador sociocultural (termo adotado por ele e por outros pesquisadores para identificar o profissional ou professor que atua no âmbito do lazer) não deve esquecer jamais o seu papel social comprometido com a *educação para e pelo lazer* (ou seja, entendendo o lazer como veículo de educação e também como objeto/fim da educação). Por meio de uma atuação direcionada, planejada e orientada pedagogicamente, o animador sociocultural deveria buscar fortalecer os laços sociais dos sujeitos de um programa de intervenção, estimular sua participação e exercício da cidadania, primando pelo desenvolvimento de uma postura crítica, consciente e reflexiva.

Outro aspecto fundamental da formação, para além da redefinição dos conteúdos das disciplinas vinculadas ao lazer, é fornecer meios do professor se qualificar, se especializar e se atualizar, ou seja: estimular sua participação em projetos de pesquisa, ensino e extensão; incentivá-lo a participar de grupos de estudos e de eventos ligados a área; favorecer o seu contato com professores atuantes através dos quais ele pode estreitar a relação entre formação e intervenção; estimulá-lo a refletir e a produzir constantemente conhecimento sobre sua própria prática (MARCELLINO, 1990). A pesquisa como princípio direcionador da produção e transformação do conhecimento, o ensino como objeto pedagógico imediato e intransferível e a geração de efeitos sociais mais amplos, como políticas e práticas (MUHAD, 2009). Essa tríade deve ser a meta central da formação em qualquer área do conhecimento, e em especial aqui para a área do lazer.

Além disso, para Marcellino (1990), o processo de formação ou capacitação deve levar em consideração as características sociais e culturais das comunidades que serão envolvidas, pois de nada adianta apresentar propostas de intervenção desarticuladas da realidade social daquela comunidade. Também devem ser observados, salienta Marcellino (1990), os aspectos estruturais e ambientais das regiões para as quais o animador sociocultural está sendo capacitado para intervir. Afinal, as propostas e programas intervencionistas devem estar adequados e condizentes com os espaços e equipamentos de lazer disponíveis. Se, por exemplo, a região possui rios ou costa oceânica, o currículo de formação deve considerar tais recursos ambientais, tanto no sentido de preservação, como de utilização responsável por meio de atividades específicas (passeios de barco, natação, travessias, esportes náuticos, surf, etc.)

Outra questão fundamental, na visão de Melo (2006), é a própria formação cultural do futuro professor/profissional/gestor do lazer. Ocorre que dentro de uma gama variada de possibilidades de vivências no campo do lazer, a intervenção quase sempre se reduz ao oferecimento limitado de certos conteúdos culturais. Isso acontece porque o professor não adquiriu conhecimentos acerca dessas vivências ao longo de sua vida, e nem foi estimulado durante o processo de formação a praticar/experimentar tais vivências. Para o autor parece inconcebível que alguém que pretenda trabalhar no âmbito da cultura (como é o caso do

*Fernando Augusto Starepravo**

*Leoncio José de Almeida Reis***

Carlos Eduardo Pijak

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A ÁREA DO LAZER: UMA ABORDAGEM INICIAL

profissional/professor/gestor de lazer) não possua uma visão ampla, atualizada, não preconceituosa e tecnicamente bem elaborada sobre as mais diversas manifestações/linguagens culturais.

Nesse ponto, o modelo didático encontrado na classificação proposta por Dumazedier (1979), a qual delimita as atividades de lazer de acordo com o motivo que desperta o interesse do indivíduo (manuais, artísticos, físico-esportivos, mentais, sociais), pode ser perfeitamente útil. Não obstante as inúmeras críticas que essa proposta de divisão das atividades de lazer em cinco conteúdos culturais sofreu, em virtude da dificuldade de enquadramento de certas atividades em blocos de conteúdos culturais estanques, ela passou a ser amplamente aceita e utilizada didaticamente pelos pesquisadores do lazer no Brasil, e elucida bem o leque de atividades que podem ser experimentadas no âmbito do lazer.

Para que todos esses conteúdos culturais sejam devidamente contemplados num programa de intervenção é necessário, portanto, que durante o processo de formação e capacitação seja possibilitado ao futuro professor o contato com esses conteúdos variados, pois só assim estarão aptos e estimulados a transportarem esses conteúdos para o campo da intervenção.

Com relação à limitação cultural, Melo e Alves Júnior (2003) entendem que há no âmbito do lazer uma valorização excessiva das atividades físicas (o conteúdo físico-esportivo), principalmente do esporte – uma das práticas corporais mais aceitas e procuradas. Os autores entendem que essa supervalorização prejudica a atuação dentro da esfera do lazer, na medida em que nos leva a ignorar ou subutilizar outras possibilidades igualmente importantes.

Tendo ciência dos problemas levantados até aqui, apresentaremos na próxima seção uma interessante proposta de formação para professores e profissionais no âmbito do lazer.

2. A ANIMAÇÃO CULTURAL COMO PROPOSTA DE FORMAÇÃO

De acordo com Melo (2006) a Animação Cultural pode ser pensada como uma tecnologia educacional (uma ferramenta de intervenção pedagógica), que pode ser empregada em diferentes contextos e espaços sociais, que possui uma finalidade clara de intervenção social. O objetivo seria o estabelecimento de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática, na qual os indivíduos pudessem viver livremente e de maneira digna, respeitando e mediando suas diferenças, reconhecendo e explorando suas possibilidades criativas, posicionando-se de maneira ativa e crítica perante a sociedade. Embora relute em apresentar uma definição precisa e estática, Melo a define como:

Para satisfazer qualquer necessidade de uma definição mais clara e direta, tenho definido a Animação Cultural como uma tecnologia educacional (uma proposta de intervenção pedagógica), pautada

*Fernando Augusto Starepravo**

*Leoncio José de Almeida Reis***

Carlos Eduardo Pijak

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A ÁREA DO LAZER: UMA ABORDAGEM INICIAL

na idéia radical de mediação (que nunca deve significar imposição), que busca contribuir para permitir compreensões mais aprofundadas acerca dos sentidos e significados culturais (considerando as tensões que nesse âmbito se estabelecem) que concedem concretude a nossa existência cotidiana, construída a partir do princípio de estímulo às organizações comunitárias (que pressupõe a idéia de indivíduos fortes para que tenhamos realmente uma construção democrática), sempre tendo em vista provocar questionamentos acerca da ordem social estabelecida e contribuir para a superação do *status quo* e para a construção de uma sociedade mais justa (MELO, 2006, p. 28-29, grifos do autor).

Melo destaca que a animação cultural é uma temática bastante discutida na Europa (sob terminologia animação sociocultural) enquanto no Brasil, apesar de muitos autores, equivocadamente, considerarem o tema acabado – algo que, a seu ver, certamente prejudica os avanços teóricos no campo – ela ainda está dando os seus primeiros passos. Compreende que a Animação Cultural, juntamente com os estudos do lazer, possuem peculiaridades e semelhanças com os Estudos Culturais e que, por isso, as discussões travadas neste campo de estudo podem ser importantes e úteis para pensarmos o lazer e a própria animação cultural. Uma das semelhanças indicadas pelo autor é o fato de que todos esses campos de estudos necessitam transitar interdisciplinarmente (pós-disciplinar, para alguns), ou seja, romper com a tradicional “burocracia disciplinar universitária”, já que o apoio teórico em uma única disciplina isolada não fornece condições suficientes para desvelar e compreender as complexidades que abarcam os processos culturais.

Segundo o autor, os Estudos Culturais são perspectivas teóricas que se originam da preocupação de Raymond Williams e E. P. Thompson com o processo de educação no ensino noturno. Ambos lecionavam para classes de operários ingleses na década de 50 e discutiam alternativas e possibilidades de intervenção pedagógica que superassem a mera reprodução de conteúdo e que pudessem contribuir de maneira efetiva na educação e na formação do indivíduo para a sociedade. É um campo de estudo que, inicialmente, focalizou os debates no âmbito da cultura das minorias, preocupado politicamente com a transformação social. Posteriormente, embora o foco sempre se mantivesse voltado à intervenção política e social, esses estudos foram disseminados em contextos acadêmicos e culturais diversificados e tiveram suas discussões ampliadas.

Dentro da proposta da Animação Cultural o lazer seria um dos espaços sociais, dentre outros, como a própria escola, que permitiria a atuação do animador cultural (ou professor, recreador, monitor, etc.) com vistas a estes objetivos. A estratégia fundamental de ação sugerida por Melo (2006) seria a mediação, ao invés da imposição. Isso deveria ficar muito bem explicitado no processo de formação dos professores/profissionais, pois, segundo o autor, com base na

*Fernando Augusto Starepravo**

*Leoncio José de Almeida Reis***

Carlos Eduardo Pijak

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A ÁREA DO LAZER: UMA ABORDAGEM INICIAL

mediação o animador cultural seria capaz de possibilitar e facilitar a aquisição do conhecimento, sem ter que obrigatoriamente transmiti-lo de forma unilateral.

Durante o processo de formação, o professor/profissional/gestor deve ser conscientizado de que sua atuação deve ser cautelosa, para que não venha cair na armadilha de julgar o que deveria ou não ser praticado. Cabe a ele, muito mais do que oferecer um leque diversificado de opções para fruição no tempo de lazer, respeitar e tomar o devido cuidado para que as manifestações culturais locais não sejam simplesmente sobrepostas ou deixadas de lado. Pois, segundo Melo (2006), há uma tendência de os animadores levarem para a intervenção prática aquilo com que mais se identificam, e com isso, podem ser levados a desconsiderar justamente aquilo que é mais significativo àqueles que são alvos da intervenção. Disso decorre a importância, de durante o processo de formação, abrirem-se canais para que o futuro professor tenha contato ampliado com diversas manifestações, e sintam-se estimulados a conhecer e experimentar novas vivências, principalmente aquelas que vêm daquela população específica.

Reconhecendo a atual situação de propostas de intervenção no âmbito do lazer, Melo repreende a persistência exacerbada com a questão do “desenvolvimento de novos valores” (algo muitas vezes carregado de uma forte carga moralista), e a sutil desconsideração da questão da educação de novos olhares, novas sensações, novas sensibilidades. Em seu artigo “Educação Estética e Animação Cultural: reflexões”, Melo (2002) encaminha uma discussão sobre como a educação estética – a educação da sensibilidade – poderia (e deveria) contribuir para formação pedagógica no âmbito do esporte e lazer.

Entendendo a estética como uma das formas pela qual o indivíduo se apropria da realidade, Melo considera fundamental uma atuação que vise estimular a sensibilidade e a percepção dos indivíduos, pois isso lhes permitiria desenvolver novas formas de encarar a realidade. Segundo o autor, um processo de educação estética, de educação das sensibilidades, ao oferecer novas formas de interpretar e experimentar a realidade ampliaria a capacidade de julgamento dos indivíduos, tornando-os mais críticos e mais tolerantes, e, possivelmente, potencializaria o prazer de cada um.

O animador cultural deve ser fundamentalmente um estimulador de novas experiências estéticas, alguém que em um processo de mediação e diálogo, pretende apresentar e discutir novas linguagens; um profissional que educa ao incomodar e informar sobre as possibilidades de melhor sorver, acessar e produzir diferentes olhares.” (MELO, 2006, p. 60).

A educação estética, quando bem encaminhada, diz o autor, possibilitaria ao indivíduo, através do desenvolvimento de suas subjetividades, julgar a partir de seu próprio referencial qual seria, por exemplo, a obra de arte mais bela, o filme mais interessante a ser assistido, a atividade de lazer mais prazerosa e, até mesmo, qual

*Fernando Augusto Starepravo**

*Leoncio José de Almeida Reis***

Carlos Eduardo Pijak

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A ÁREA DO LAZER: UMA ABORDAGEM INICIAL

atitude seria a mais “correta”. Essa liberdade individual de julgamento dependeria da oportunização e do estímulo para o desenvolvimento das subjetividades, sendo a atuação do animador cultural, por meio da educação estética, necessária e indispensável para isso.

É nesse sentido que defende uma intervenção pedagógica no âmbito do lazer, lembrando-nos que cuidados também são necessários neste caso, pois, segundo ele, não se deve idealizar e determinar uma subjetividade a ser “aplicada”, mas sim oferecer espaços e possibilidades que permitam aos indivíduos construir suas próprias subjetividades.

Cabe ao animador cultural, mais do que conduzir rebanhos por supostos caminhos de felicidade, buscar despertar e ampliar em cada indivíduo a descoberta subjetiva do prazer enquanto princípio transformador de vida. É óbvio que cada indivíduo possui a capacidade de sentir prazer e escolher, mas seria isto um princípio de sua vida? Estaria essa possibilidade minorada, reduzida, acanhada? Trata-se da descoberta de novos princípios de vida, com menos constrangimentos, com mais poesia e arte no cotidiano, apoiada em compreensões estéticas diversas, ampliadas e divergentes, e não homogêneas e restritas (MELO, 2006, p. 67).

Com relação à cultura de massas produzida pela indústria cultural, Melo reconhece o impacto desta dentro da sociedade moderna e defende que igualmente às outras manifestações culturais, ela não pode ser simplesmente negada ou desvalorizada, pois nem tudo o que é por ela produzida pode ser considerado, como muitas vezes o é, lixo cultural. Nem sempre o que é produzido por esse sistema, ressalva o autor, é necessariamente descartável.

Para contrapor esse modelo de produção e reprodução cultural vigente, o autor defende uma postura crítica do animador cultural, sempre pautada a partir da mediação e se afastando ao máximo de autoritarismos ou imposições sobre o que deve ou não ser consumido, afinal, almeja-se que os indivíduos, com base no desenvolvimento de suas sensibilidades e de sua capacidade crítica, julguem e decidam por si próprios.

não se trata de substituir uma alienação a favor da ordem social por outra suposta contra a ordem social, nem negar ao público as possibilidades de prazer, tão bem trabalhadas de forma dinâmica pela cultura de massas. Se a indústria cultural tem sucesso é também porque articuladamente consegue despertar prazer ao mesmo tempo que induz a uma representação de prazer interessante para seus intuitos. Contrapor isso somente é possível se paulatinamente conseguirmos despertar novas possibilidades e novas representações de prazer (MELO, 2006, p. 62).

*Fernando Augusto Starepravo**

*Leoncio José de Almeida Reis***

Carlos Eduardo Pijak

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A ÁREA DO LAZER: UMA ABORDAGEM INICIAL

Afirma que é necessário se afastar da compreensão comum de que as atividades no âmbito do lazer são necessariamente, de forma linear e oposta, atividades de resistência ou reprodução do sistema dominante. E também que não podemos acreditar que tudo aquilo que é produzido e oferecido pela indústria cultural é consumido, obrigatoriamente, de forma passiva e acrítica pelos indivíduos. Portanto, o que é produzido pela indústria cultural pode muito bem ser trabalhado no próprio âmbito da cultura como forma de resistência.

Exemplo disso é a sua compreensão de que os meios de comunicação em si não são ruins para sociedade, o problema está em como eles são utilizados pela indústria cultural. Não se deve confundir meio com fim, aponta o autor:

um projeto estratégico de mediação parece estar apontado a partir da própria cultura de massas, não a “demonizando” ou a julgando de forma linear ou maniqueísta. Será que os meios de comunicação em si são ruins ou complicado é uso majoritário que se faz deles na sociedade contemporânea? Será que são homogêneos ou há alternativas? Como lidar com possíveis potenciais de emancipação construídos pela própria cultura de massas, a partir da idéia de reapropriação e ressignificação? (MELO, 2006, p. 44-45)

Entretanto, antes que o processo de educação estética seja colocado em prática nos programas de intervenção, é preciso que o próprio animador cultural sinta-se estimulado a desenvolver e aprimorar sua sensibilidade, seu gosto. Daí a necessidade, do ponto de vista teórico, de inserir a discussão sobre a educação estética no processo de formação, e do ponto de vista prático, favorecer o desenvolvimento e aprimoramento do gosto dos futuros professores, estimulando-os a participar de vivências e experiências novas, a desenvolver novos hábitos de lazer, a conhecer outras manifestações culturais e a explorar as variadas práticas existentes. Só assim estarão, de fato, aptos para lidarem com a cultura ao longo do processo de intervenção.

CONCLUSÕES

Como foi verificado, a formação de professores para atuação no âmbito do lazer é uma questão complexa e que vem atraindo a atenção de muitos estudiosos. Muito são os problemas levantados, que vão desde a constituição curricular (ou seja, que elementos ou assuntos irão compor um programa de formação) até a importância da formação cultural, pessoal, do próprio professor que vai atuar no âmbito do esporte e lazer.

*Fernando Augusto Starepravo**

*Leoncio José de Almeida Reis***

Carlos Eduardo Pijak

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A ÁREA DO LAZER: UMA ABORDAGEM INICIAL

Uma das principais críticas veiculadas em publicações sobre o tema refere-se a preocupação com a chamada atuação tradicional/mercantilizada – aquele tipo de intervenção que se resume ao oferecimento de uma gama diversificada de atividades descontextualizadas, sem nenhuma articulação pedagógica, social ou cultural, e que não passa de um estímulo ao consumo cultural desinteressado e alienante.

Nesse contexto, uma opção teórico-metodológica que, a nosso ver, traz reflexões interessantes e inovadoras, no que se refere a intervenção pedagógica no âmbito do esporte e lazer, e que pode fornecer contribuições valiosas como elemento de um currículo de formação ou de um curso de capacitação, é a proposta da *Animação Cultural* de Melo (2006). Tal proposta fundamenta-se na importância da educação estética – a educação da sensibilidade, do gosto – como elemento fim das intervenções no plano cultural. Ou seja, entende que uma atuação pedagógica na esfera do lazer deve estar voltada ao desenvolvimento e aprimoramento da sensibilidade, pois isso pode trazer experiências gratificantes e importantes para o desenvolvimento pessoal do sujeito praticante.

BIBLIOGRAFIA

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia Empírica do Lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979, 249p.

GOMES, Christianne Luce. *Significados de recreação e lazer no Brasil: Reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964)*. Tese (Doutorado em Educação): Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

GOMES, Christianne Luce. Lazer e mercado: panorama atual e implicações na sociedade brasileira. In: GOMES, C. L.; ISAYAMA, H. F. *Lazer e Mercado*. Campinas: Papirus, 2001.

ISAYAMA, Helder Ferreira. O profissional da educação física como intelectual: atuação no âmbito do lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte*. São Paulo: Papirus, 2003 p. 59-79

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Educação*. Campinas: Papirus, 1987.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Pedagogia da Animação*. 1a.. ed. Campinas: Papirus, 1990. 149 p.

MELO, Victor Andrade de. Educação Estética e Animação Cultural. In: *Licere*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 43-52, 2002.

Fernando Augusto Starepravo*

Leoncio José de Almeida Reis**

Carlos Eduardo Pijak

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A ÁREA DO LAZER: UMA ABORDAGEM INICIAL

MELO, Victor Andrade de. *Animação Cultural: conceitos e propostas*. Campinas, SP: Papyrus, 2006. 144 p.

MELO, Victor Andrade de, ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. *Introdução ao lazer*. Barueri, SP: Manole, 2003.

MELO, Victor Andrade de. *Enfoques culturais na formação do profissional de lazer*. In: XII Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 2000, Balneário Camboriú. Anais do XII Encontro Nacional de Recreação e Lazer. Balneário Camboriú : Univali, 2000. v. 1. p. 72-74.

MUHAD, Maurício. *Sociologia e educação física: diálogos, linguagens do corpo, esportes*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

REIS, Leoncio José de Almeida. *Novos atores em cena nos estudos do lazer no Brasil: possíveis diálogos a partir da teoria configuracional*. 2009. 182 f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Paraná – Departamento de Educação Física, Curitiba.

SOUZA, Pierre Alexandre Teixeira; ISAYAMA, Helder Ferreira. Leisure and Physical Education: Analysis of Research Groups in Entertainment Platform Lattes Registered in the CNPq. In: *Lecturas physical educacion y deportes* (Buenos Aires), see 1, p. 99, 2006.

TEACHER EDUCATION FOR THE AREA OF LEISURE: AN INITIAL APPROACH

ABSTRACT: This work aims to address, so original, some issues relevant to teacher training in the field of leisure. Bring in a first, some of the problems raised by researchers in the field of leisure with respect to the training of professionals for action in this area. From these problems, suggest an alternative proposal from the formation of the Cultural Animation, of Melo (2006).

Keywords: recreation, education, Cultural Animation.

Recebido em 31 de julho de 2009; aprovado em 05 de agosto de 2009.